

Sex wars, Terf wars: ecos da segunda onda feminista nas políticas antigênero

Sex wars, Terf wars: echoes of second-wave feminism on anti-gender politics

Sex wars, Terf wars: ecos de la segunda ola feminista en las políticas antigénero

Mônica Saldanha Coelho¹  0000-0002-7126-3807

¹Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas, Florianópolis, SC, Brasil. 88040-900 – ppgich@contato.ufsc.br



COUSENS, Emily.

Trans epistemologies in the US second wave.

London: Palgrave Macmillan, 2023.

A complexidade do pensamento feminista há décadas tem levado pesquisadoras a reavaliar os modos pelos quais a historiografia organiza seu conteúdo. Nesse sentido, essa reavaliação aponta para o fato de que quaisquer exercícios de sistematização estarão, inevitavelmente, produzindo silêncios e simplificações que podem reproduzir ou tensionar relações de poder estabelecidas. Embora contribuições como as de Clare Hemmings (2009) e Sonia Alvarez (2014) tenham auxiliado na tarefa de problematizar as categorizações tradicionais, persiste uma narrativa de progresso que define a segunda onda feminista a partir das contribuições de um movimento branco e cisgênero centrado nos EUA e no Reino Unido, contrapondo-a aos estudos de gênero, de inspiração *queer* e transfeminista, que teria superado suas limitações em direção um horizonte de inclusão; uma narrativa que precisa ser tensionada.

Este é o argumento de Emily Cousens, Professora Assistente da *Northeastern University* (Reino Unido) e Doutora em Filosofia Política, com extensa pesquisa acerca das confluências entre o feminismo de segunda onda e o pensamento transfeminista. Este trabalho se consolida com o lançamento de *Trans feminist epistemologies in the US second wave* (2023), seu primeiro livro, e é o mais recente da série *Breaking feminist waves*, publicada pela Palgrave Macmillan.

A obra revisita a segunda onda do feminismo nos Estados Unidos, complexificando a narrativa tradicional ao articular pensamento feminista, estudos trans e a emergente ciência da sexualidade, demonstrando sua imbricação mútua. Cousens reivindica a publicação como um gesto arquivístico que busca intervir não somente para recuperar a importância das epistemologias trans no discurso científico e na consolidação do campo feminista de segunda onda, mas também para confrontar a instrumentalização das narrativas tradicionais acerca do feminismo por grupos transexcludentes. Esta última é, provavelmente, a contribuição mais urgente do livro, especialmente em um contexto político no qual o feminismo transfóbico

vem ganhando força mundial, em articulação com movimentos de extrema-direita, por meio do discurso antigênero (Ruth Pearce; Sonja Erikainen; Ben Vincent, 2020; Sonia Corrêa; Carla Rodrigues, 2023; Observatório de Sexualidade e Política *et al.*, 2025).

Para executar sua proposta, Cousens (2023) reivindica a ampliação do cânone da segunda onda para incluir a cultura impressa trans, a exemplo da imprensa feminista já considerada canônica do período, escolha metodológica que reflete a necessidade de reconhecer como legítimos os saberes experienciais e corporificados – característicos de saberes insurgentes e declaradamente tributário dos princípios do feminismo negro – produzidos na rede colaborativa da cultura impressa da comunidade. A partir deste cânone ampliado, confronta-se a temporalidade da historiografia tradicional em que a relação entre segunda e terceira onda feministas pode ser representada por pares binários como mulher/gênero, essencialismo/construcionismo, exclusão/inclusão, universalismo/interseccionalidade.

No segundo capítulo do livro *"The 'Women' of Women's Liberation"*, por exemplo, o trabalho de Margo Schultz – transfeminista lésbica estadunidense – é recuperado em conjunto com as contribuições dos feminismos não-brancos para demonstrar que, mesmo naquele período, havia a compreensão de que a categoria mulher poderia ser um espaço coalicional de resistência e não uma identidade essencialista fixada pela biologia, disputando a ideia de que a categoria "mulher" tenha sido, de fato, fundamento indiscutível das políticas feministas durante a segunda onda. Complementarmente, os registros de influentes personalidades trans – Virginia Prince, Reed Edwards e Louise Lawrence – no desenvolvimento das pesquisas de John Money, Robert Stoller e Harry Benjamin são recuperados como evidência de que a ciência da sexualidade incorporou saberes trans em sua conceituação do gênero, que seria acolhida pelos feminismos cisgêneros da segunda onda.

Neste movimento, Cousens (2023) demonstra que a noção de gênero operada pelos feminismos radicais é também marcada por abordagens normativas do poder e fundamentos patologizantes, o que contrapõe diretamente discursos basilares dos feminismos transfóbicos como os de Janice Raymond (1994), Sheila Jeffreys (2014) e Holly Lawford-Smith (2022). Contudo, Cousens não se compromete com uma defesa ingênua das políticas de gênero. Em uma linha argumentativa que faz recordar a proposta de uma genealogia alternativa do pensamento *queer* defendida por Catarina Rea (2018) em *"Pensamento lésbicas e formação da crítica queer of color"*, Cousens (2023) defende que a representação de Judith Butler como singularmente responsável pela desnaturalização do sexo, aliada à centralidade atribuída a Gayle Rubin na constituição do pensamento *queer*, foram operações discursivas relevantes para construir a noção de uma ruptura entre a segunda e a terceira ondas, reabilitando o feminismo de sua reputação excludente por meio da reelaboração do campo a partir da categoria gênero. Esta reabilitação, entretanto, se deu às custas do apagamento de epistemologias lésbicas, trans e não-brancas na sua construção.

Em um exercício ousado e muito produtivo, Cousens (2023) se propõe a reavaliar o pensamento de Andrea Dworkin, teórica do feminismo radical e ferrenha defensora de políticas antipornografia e antiprostituição, cuja obra, no entendimento da autoria do livro, foi sobrecodificada e desacreditada em razão de sua posição no lado 'perdedor' das guerras sexuais. Mais uma vez, Cousens não adota posição simplista em relação ao tema: reconhece que Dworkin esteve equivocada em seu próprio tempo e permanece equivocada no contexto atual por seu entendimento rígido das relações de poder e incapacidade de compreender a resignificação de práticas sexuais em contexto de resistência à norma, mas não se furta a identificar certos pontos de interesse em sua obra.

Cousens (2023) identifica princípios transfeministas na obra de Dworkin na medida em que a estadunidense elabora a feminilização como processo de vulnerabilização e negação da autonomia ao qual todos os corpos estão suscetíveis, independente da sua anatomia sexual, reconhecendo que a violência está nos modos como a encarnação generificada é coercitiva e determina posições de poder. Ademais, recupera suas elaborações acerca do controle reprodutivo de populações marginalizadas para demonstrar que ela reconhecia o caráter racializado do gênero e sua centralidade em projetos necropolíticos de extermínio racial.

Mais além, entende que sua crítica à heterossexualidade e à violência como definidoras da sexualidade não deriva de um entendimento essencialista, mas da percepção de que o ato sexual é juridicamente regulado e performativo, de tal modo que opera na construção de significados de gênero. Longe de ratificar uma interpretação sectária e fatalista de Dworkin, Cousens (2023) rememora sua proposta de reelaboração da relação masculina com a corporalidade – que depende de um descentramento da genitalidade como eixo organizador do sexo – e seu otimismo quanto à prática sexual como possibilidade ética.

Considero a releitura de Dworkin particularmente interessante ao ponderar o interesse declarado de Cousens em se opor à reivindicação do feminismo de segunda onda por feminismos transfóbicos contemporâneos, uma vez que aponta aproximações indiscutíveis com o pensamento transfeminista, a teoria *queer*, com os estudos de gênero e com a virada

subjetiva que lhe é característica, – atestando de modo decisivo que recuperar produções antitrans como representantes ‘verdadeiras’ de um feminismo ‘original’ –, é uma escolha política transfóbica que instrumentaliza em vez de honrar os princípios radicais daquele período.

Cousens (2023), que escreve da posição de pessoa branca a partir do Reino Unido, responde diretamente à influência que o feminismo britânico teve na reemergência do feminismo transfóbico em articulação com a extrema-direita no mundo, embora a Austrália – de Holly Lawford-Smith e Sheila Jeffreys – tenha se mostrado, também um centro de difusão destas políticas (Claire Thurlow, 2024; Sally Hines, 2025). Todavia, é inegável a importância de difundir iniciativas como a de *Trans feminist epistemologies in the US second wave* também no Brasil, onde já se identificam organizações antigênero atuantes no campo feminista, como demonstra o relatório *Fronteiras borradas* (Observatório de Sexualidade e Política *et al.*, 2025).

Finalmente, cumpre ressaltar que Cousens (2023) compreende as limitações de seu trabalho, apontando para a ausência do pensamento transmasculino em sua recuperação do arquivo transfeminista da segunda onda, bem como para o perfil demográfico majoritariamente branco e de classe média que compõe a cultura impressa discutida no livro. Reconhece, ainda, que a cultura impressa resgatada, embora inestimável em sua contribuição para o projeto em questão, era um privilégio de indivíduos cuja posição social lhes permitia desfrutar de certa segurança social, enquanto pessoas trans não-brancas, migrantes, encarceradas, tinham como foco a sobrevivência em situações de extrema vulnerabilidade, recorrendo à ação direta prioritariamente, o que dificulta a recuperação de seus registros. Estas lacunas, ao invés de invalidarem a contribuição, representam um convite a pesquisadoras que desejam contribuir para a construção de uma historiografia feminista mais complexa, que dê o devido destaque e legitimidade aos saberes produzidos na resistência.

Referências

ALVAREZ, Sonia. “Para além da sociedade civil: reflexões sobre o campo feminista”. *Cadernos Pagu*, n. 43, p. 13-56, 2014. DOI: 10.1590/0104-8333201400430013. Acesso em: 31/01/2026.

CORRÊA, Sonia; RODRIGUES, Carla. “Apresentando ‘Terfs, movimentos críticos de gênero e feminismos pós-fascistas’”. *Cadernos Pagu*, n. 68, e236801, 2023. DOI: 10.1590/18094449202300680001. Acesso em 31/01/2026.

COUSENS, Emily. *Trans epistemologies in the US second wave*. London: Palgrave Macmillan, 2023.

HEMMINGS, Clare. “Contando histórias feministas”. *Revista Estudos Feministas*, v. 17, n. 1, p. 215-241, 2009. DOI: 10.1590/S0104-026X2009000100012. Acesso em: 31/01/2026.

HINES, Sally. “Hands towards the right: UK gender-critical feminism and right-wing coalitions”. *Journal of Gender Studies*, v. 34, n. 5, p. 699-715, 2025.

JEFFREYS, Sheila. *Gender hurts: a feminist analysis of the politics of transgenderism*. New York: Routledge, 2014.

LAWFORD-SMITH, Holly. *Gender-critical feminism*. Oxford: Oxford University Press, 2022.

OBSERVATÓRIO DE SEXUALIDADE E POLÍTICA *et al.* *Fronteiras borradas: movimentos feministas e de mulheres e política antigênero no Brasil*. Rio de Janeiro: Associação Brasileira Interdisciplinar de Aids – ABIA, 2025.

PEARCE, Ruth; ERIKAINEN, Sonja; VINCENT, Ben. “TERF wars: an introduction”. *The Sociological Review Monographs*, v. 68, n. 4, p. 677-698, 2020.

RAYMOND, Janice. *The transsexual empire: the making of the she-male*. New York: Teachers College Press, 1994.

REA, Caterina. “Pensamento lésbico e a formação da crítica *queer of color*”. *Cadernos de Gênero e Diversidade*, v. 4, n. 2, p. 117-133, 2018. DOI: 10.9771/cgd.v4i2.26201. Acesso em: 31/01/2026.

THURLOW, Claire. “From TERF to gender critical: a telling genealogy?”. *Sexualities*, v. 27, n. 4, p. 962-978, 2024.

Mônica Saldanha Coelho (saldcoelho.msc@gmail.com; saldanha.coelho@posgrad.ufsc.br) é doutoranda em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Mestre em Educação pela Universidade de São Paulo (USP) e integrante do Grupo de Estudos em Lesbianidades (GEL/UFGM).

COMO CITAR ESTE ARTIGO DE ACORDO COM AS NORMAS DA REVISTA

COELHO, Mônica Saldanha. "Sex wars, Terf wars: ecos da segunda onda feminista nas políticas antigênero". *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 34, n. 2, e110965, 2026.

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

Não se aplica.

FINANCIAMENTO

Não se aplica.

DECLARAÇÃO DE DISPONIBILIDADE DE DADOS

Não informado o uso de dados, não utilizou dados de pesquisa.

CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM

Não se aplica.

APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Não se aplica.

CONFLITO DE INTERESSES

Não se aplica.

LICENÇA DE USO

Este artigo está licenciado sob a [Licença Creative Commons CC-BY 4.0 International](#). Com essa licença você pode compartilhar, adaptar, criar para qualquer fim, desde que atribua a autoria da obra.

HISTÓRICO

Recebido em 23/02/2026
Reapresentado em 21/05/2026
Aprovado em 26/05/2026

EDITORA RESPONSÁVEL

Tânia Regina Oliveira Ramos  0000-0002-2477-0419

EDITORA CIENTÍFICA

Cristina Scheibe Wolff  0000-0002-7315-1112

